

## UM CERTO ITINERÁRIO: EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA COM PAÍSES SUL-AMERICANOS

**Alexandre Fernandez Vaz**

Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil

Para Ricardo Crisorio, sem cuja  
generosidade nada disso teria acontecido.  
Para Eduardo Galak e Vanesa Kanevsky.

Envio original: 01-08-2018. Revisões requeridas: 10-08-2018. Aceitar: 15-08-2018. Publicado: 03-09-2018.

---

### Resumo

No presente texto elaboro uma reflexão sobre as relações que venho mantendo com países sul-americanos, sobretudo Argentina, Uruguai e Colômbia, no âmbito da Educação Física. Menciono ainda algumas incursões em outras áreas de conhecimento. Dedicando a cada país uma parte, mais outras duas a um projeto específico e aos sistemas de ciência e tecnologia de cada nação, o trabalho procura mostrar avanços e insuficiências dessas relações. As atividades em cooperação mostram um incremento importante na pesquisa em cada país, com ramificações diversas e muitos investigadores envolvidos. Ademais, a década e meia de trabalho conjunto mostra o avanço da área de Educação Física em seu caminho de consolidação acadêmica.

**Palavras-chave:** Intercâmbio acadêmico; Pesquisa; Educação Física.

---

### Un determinado camino: experiencias de investigación con países sudamericanos

### Resumen

En este texto elaboro una reflexión sobre las relaciones que vengo manteniendo con países sudamericanos, sobre todo Argentina, Uruguay y Colombia, en el ámbito de la Educación Física. También menciono algunas incursiones en otras áreas de conocimiento. Dedicando a cada país una parte, más otras dos a un proyecto específico ya los sistemas de ciencia y tecnología de cada nación, el trabajo busca mostrar avances e insuficiencias de esas relaciones. Las actividades en cooperación muestran un incremento importante en la investigación en cada país, con ramificaciones diversas y muchos investigadores involucrados. Además, la década y media de trabajo conjunto muestra el avance del área de Educación Física en su camino de consolidación académica.

**Palabras-clave:** Intercambio académico; Investigación Educación Física

---

### Particular path: resesarch experiences with South American countries

### Abstract

In this paper, I make a reflection on the relations that I have been maintaining with South American countries, mainly Argentina, Uruguay and Colombia, in the scope of Physical Education. I also mention some incursions into other areas of knowledge. By dedicating to each country a part, plus two others to a specific project and the science and technology systems of each nation, the work tries to show advances and insufficiencies of these relations. Cooperative activities show a significant increase in research in each country, with diverse ramifications and many researchers involved. In addition, the

decade and a half of joint work shows the progress of the area of Physical Education in its path of academic consolidation.

**Keywords:** Academic Exchange; Research; Physical Education.

---

## I

No primeiro semestre de 2002 eu acabara de defender meu doutorado na Leibniz Universität Hannover, na Alemanha, quando, durante a orientação de um aluno, recebi um surpreendente telefonema em minha sala de trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Do outro lado da linha estava Valter Bracht, o grande referencial de uma perspectiva crítica de Educação Física em meus anos de formação, e o motivo da chamada era o convite para compor um projeto que seria desenvolvido com coordenação dele e de um colega argentino que eu até então não conhecia. A proposta, que seria submetida a um edital do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o Pro-sul, destinado a projetos de colaboração com pesquisadores sul-americanos.

O projeto que me era proposto se estruturaria na forma de um conjunto de temas a serem debatidos conjuntamente por um grupo brasileiro e outro argentino. No interior de cada um deles haveria um responsável para cada assunto, formando, então, duplas de pesquisadores que entre si e logo com todos os colegas deles tratariam. Os argentinos eram, com uma exceção, todos da Universidad Nacional de La Plata (UNLP), enquanto nós éramos de diferentes instituições: das Universidades Federais do Espírito Santo-UFES, Paraná-UFPR, Rio Grande do Sul-UFRGS, de Minas Gerais-UFMG. Do projeto resultou um livro publicado simultaneamente no Brasil e na Argentina, com organização dos seus coordenadores, Bracht e Ricardo Crisorio (2003).

A mim tocou o tema Metodologia, questão algo genérica, mesmo em se tratando de pesquisa, uma vez que não há e não pode haver – parecia-me na época, como ainda hoje – *uma* metodologia de pesquisa em Educação Física. A ideia de *uma* metodologia para a Educação Física remete à busca de construir uma ciência a partir dela, pretensão fadada ao fracasso. A discussão sobre Epistemologia, que seria feita por Bracht e por Crisorio, era suficiente, avaliava, para abarcar as questões metodológicas. Tive a impressão de que era essa também a posição do meu interlocutor, mas, ele argumentava que seria uma maneira de incluir-me no projeto, para o que, segundo disse, tinha boas razões. Meu parceiro de pesquisa argentino foi Carlos Carballo (Carballo; Vaz, 2003; Vaz, 2003a, 2003b), a quem devo muito, tanto pela convivência pessoal amigável, quanto pela facilidade de trabalhar em conjunto.

Para a realização do projeto, além da preparação de cada um de nós, deveríamos nos encontrar em Vitória, na UFES, em setembro, e algumas semanas depois na Argentina, na UNLP, em La Plata, capital da província de Buenos Aires. Seria uma semana em cada sede. Foi o que aconteceu.

A participação no projeto abriu-me um caminho profissional com o qual eu não contava e que segue até hoje. Mas havia algo mais. Fazia mais de vinte anos que eu não voltava para a Argentina, país natal de minha mãe e de minha avó, para onde viajei com relativa frequência na meninice. Supunha, por motivos que não vêm ao caso, que jamais voltaria ao país. Quando desembarcamos em Ezeiza, aeroporto mais importante da República Argentina, naquele novembro de 2002, para a segunda etapa do projeto, não foi sem alguma emoção que senti voltar para um lugar que não deixava de ser uma origem.

Nas próximas páginas comento e reflito sobre experiências que desde então venho tendo, como elas se desenvolveram e se espalharam por outros países, inclusive da Europa. Nos dezessete anos que me separam do início proporcionado pelo convite de Bracht, envolvi-me com atividades de todo tipo (seminários, conferências, aulas, orientações, participação em bancas, pesquisas em conjunto, consultorias, edição etc.) na Argentina, no Uruguai na Colômbia e, em menor escala, no Chile. Igualmente, recebi vários estudantes e colegas desses países, alguns deles muito jovens e hoje importantes pesquisadores. O itinerário que percorri teve, além das variadas práticas, pessoas e instituições diversas, diversificados temas e abordagens. Sigo no texto, até certo ponto, a cronologia dos fatos, pelo menos segundo minha memória sugere, mas isso será alterado sempre que a necessidade da narrativa assim o exigir. A história não é linear, tampouco uma relação unívoca de causa e efeito a memória tampouco. Não foi e não é diferente comigo. Ao longo desse tempo, personagens apareceram e saíram do caminho, outros permaneceram, mas de forma diferente do que eram. Vamos ver se é possível minha narrativa expressar tantos movimentos.

## II – Argentina (1)

No Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em 2003, em Caxambu, antiga estação de águas no sul de Minas Gerais, encontrei-me com Ricardo Crisorio, que lá estava para ministrar um seminário sobre as relações entre Brasil e Argentina, junto com Valter Bracht. Lançava-se o livro que citei no item anterior, que no evento apresentou vendagem expressiva, tanto pelo tema, na época pouco presente no debate da Educação Física/Ciências do Esporte, quanto pelo nome de Bracht como um dos organizadores. Fenômeno semelhante aconteceria na Argentina, onde o livro teve várias edições, em alguma medida alavancadas pela presença de Crisorio.

Em Caxambu para participar de uma mesa e para um seminário de aprofundamento sobre Sociologia do Esporte, o encontro com Crisorio rendeu-me um convite para o *Congreso Argentino de Educación Física y Ciencia*, que deveria ser realizado naquele mesmo ano. Não posso dizer que não fiquei surpreso com o convite para o evento que, finalmente, não aconteceu por falta de recursos. A Argentina ainda sofria os danos do debacle econômico de 2001 e o evento acabou não saindo. Minha primeira participação lá ocorreria em 2005. Minha surpresa se devia ao fato de ter tido embates teóricos duros com Crisorio durante os seminários de Vitória<sup>1</sup> e de La Plata. Supus que seria convidado alguém cujas perspectivas e estilo de pensamento fossem talvez menos discordantes em relação às posições dele e de sua equipe. Havia, ademais, pesquisadores mais experientes e abalizados do que eu na equipe brasileira, a começar por Bracht, que já fora convidado outras vezes – como ainda seria – para eventos no país vizinho. Ele já tinha, inclusive, um livro dele publicado na Argentina, em tradução de Fernando González, hoje professor da Universidade Regional de Ijuí (UNIJUÍ), sob o título de *Educación Física y aprendizaje social* (BRACHT, 1996), surgido no Brasil apenas quatro anos antes (BRACHT, 1992).

Os bons conflitos com Crisorio são uma expressão do aprendizado pelo qual passei e que me possibilitou seguir com o trabalho de cooperação com os colegas de La Plata. Eu tinha, então, certa experiência de trabalho com pesquisadores estrangeiros, principalmente porque vivera vários anos na Alemanha. Talvez porque o estranhamento com o idioma fosse menor do que com o Alemão (obviamente o Castelhana é uma língua mais próxima do Português e, além do mais, por motivos familiares, ela sempre fez parte da minha vida, ao contrário da tardia incorporação da fala e escrita germânicas), ou pela presença de conhecidos brasileiros no grupo, ou ainda pelo clima tranquilo do seminário de Vitória, não percebi, de início, as dificuldades na comunicação. Elas derivavam do fato de que até então eu pouco tivesse trabalhado academicamente em castelhana, apesar das leituras, poucas delas na área de Educação Física/Ciências do Esporte, mas também das diferenças concretas de pensamento, abordagens, referências, formas de colocar as ideias e interrogações. Estávamos em tradições distintas.

A Educação Física no Brasil era uma área de conhecimento altamente academicizada, com cursos de pós-graduação nos planos do mestrado e do doutorado, periódicos em consolidação, uma entidade científica em movimento, reconhecimento das agências financiadoras de projetos (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, CNPq) e assento da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Na Argentina, embora Educação Física fosse curso de nível superior, apenas em La Plata e em outras poucas instituições, naquele momento, era

---

<sup>1</sup> Foi por ocasião do encontro em Vitória que conheci Felipe Quintão de Almeida, à época estudante de graduação em Educação Física e bolsista de iniciação científica CNPq, sob a orientação de Valter Bracht. Tive o privilégio de orientar sua dissertação e sua tese no PPPGE/UFSC. Desde então trabalhamos em cooperação em vários projetos.

carreira universitária. Em parte, isso se devia à presença de um visionário chamado Alejandro Amavet, que em 1953 fundou-a já como parte da Universidade, e na Faculdade de Ciências da Educação e Humanidades, o que era incomum. O movimento foi o oposto ao da cultura dos *professorados*, institutos terciários de formação normalista em esmagadora vigência por lá.

De todos nós brasileiros, havia dois cursando o doutorado e todos os outros doutores, enquanto do lado argentino eram apenas dois com mestrado, outros cursando-o. Isso não significava – e digo sem qualquer condescendência – que os colegas fossem menos preparados do que nós. A pesquisa está no Brasil muito associada à Pós-graduação, na Argentina muito pouco, na época ainda menos. Havia entre eles gente muito formada intelectualmente, mas sem os títulos que tínhamos. Não foram poucas as vezes em que ouvi de colegas de Educação Física análises sobre o Brasil, sua história e sociedade, que poucos de nós seríamos capazes de fazer. A Universidade brasileira assumiu rapidamente um modelo para o qual a pós-graduação é um dos fundamentos. Mestrado e doutorado foram parte da carreira universitária, transformando-se em poucos anos em requisito para ela, em especial no sistema público. Além disso, a tradição argentina é a da Universidade de massas, com ingresso livre, a nossa é de certa elitização, em especial, por paradoxal que soe, nas instituições públicas. Éramos mais treinados, mas não necessariamente mais bem formados.

A figura do intelectual na Argentina, em especial do intelectual público, parece mais presente do que entre nós, principalmente se considerarmos os quadros universitários. Talvez em função de uma esfera pública burguesa mais bem estruturada, quem sabe porque, em associação a isso, a escola pública lá foi um projeto de nação e de república, o fato é que melhores jornais, mais livros, menos academicismo, tudo isso ajudou e ajuda a fomentar um clima de mais trabalho do pensamento, ainda que com menor número de artigos em periódicos indexados. Parece que não é tão ruim pagar esse preço.

### III – Argentina (2)

Voltei à Argentina em 2004 para um encontro em Buenos Aires no qual havia mais brasileiros que portenhos. Ele foi organizado por Pablo Alabarces, da Universidade de Buenos Aires (UBA), também pesquisador do CONICET, e Simoni Guedes, uma das pioneiras nos estudos das Humanidades, em especial os de Antropologia, que tomam o esporte, principalmente o futebol, como tema<sup>2</sup>. No encontro apresentei uma síntese atualizada de uma questão que pesquisara em anos anteriores (Vaz, 2002, 2004), as análises de Roberto DaMatta sobre o futebol. A iniciativa de Alabarces

---

<sup>2</sup> Guedes defendeu seu mestrado em Antropologia em 1977, com um estudo sobre o futebol, vindo a compor o histórico livro *Universo do futebol*, organizado por Roberto DaMatta (1982).

e Guedes visava à consolidação de uma rede de colaboração em Sociologia/Antropologia do Esporte, processo que gerou frutos importantes, com parcerias em pesquisas, orientações, publicações e eventos.

De minha parte, tomei parte desse diálogo durante algum tempo, diria que desde 2003, no Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), em Caxambu, até à composição de uma mesa sobre futebol, com Guedes e com Carmen Rial, colega da UFSC, em atividade da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) durante a Reunião Anual da SBPC, em Florianópolis, três anos depois. Em Caxambu conheci pessoalmente Roberto DaMatta. Em um momento protagonizamos um debate acalorado e ele foi muito gentil, tanto naquele momento, quanto depois, quando conversamos por mais de uma hora durante o jantar. Também naquele evento tive o prazer de conhecer pessoalmente Eduardo Archetti, com quem, por puro acaso, travei uma conversação de seis horas, na viagem de regresso de lá para São Paulo. Archetti era argentino e vivia na Noruega, onde havia muito era professor e pesquisador. Aprendi muito com a leitura de seus trabalhos e admirei sua inteligência e generosidade. Falamos sobre muitos temas, entre eles, Diego Maradona e os sentidos sociais e culturais que ao *Pibe* foram atribuídos ao longo da história. Além de antropólogo de primeira linha, conhecia muito bem o objeto esporte, o que lhe permitia ter uma visão de fato orgânico em relação a ele.

Aprendi muito com o grupo que se organizava em torno desses encontros, mantive o esporte como um tema de estudos, algumas parcerias nasceram principalmente deles, como a que mantenho com Antônio Jorge Gonçalves Soares, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cuja pesquisa de doutorado (Soares, 1998), sobre a recepção do clássico livro *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho, é dos melhores exemplos que temos, entre nós, de uma reflexão não apenas sobre o futebol e os estudos sobre tal fenômeno, mas sobre o Brasil.

Dois anos depois, em 2006, minhas relações com a Educação Física/Ciências do Esporte na Argentina começaram, de fato, a se consolidar. Ricardo Crisorio iniciava um curso de mestrado em *Educación Corporal*, tema que se tornou sua obsessão intelectual e por meio do qual ofereceu grande contribuição para os estudos do corpo e de sua educação sistematizada. Quando fui editor-chefe da RBCE, ele compôs seu Conselho Editorial. Em 2010 compus a banca de avaliação de tese de Ricardo, trabalho que saíria em livro anos depois (Crisorio, 2016). Tive a lisonja de ser convidado por ele para escrever o prefácio do livro, que abre a bonita edição da obra.

Além de La Plata, *la maestría* tinha uma sede em Córdoba, e foi para lá que me desloquei, e onde ministrei meu primeiro curso. Antes de regressar ao Brasil, ainda compareci um seminário com o próprio Crisorio na UNLP. Naquela ocasião, reví colegas do projeto do livro e conheci outros professores da casa que seguiam sua formação naquele mestrado. Entre eles, Norma Rodríguez, com a

qual eu desenvolveria pesquisas ulteriormente, notadamente como coorientador de sua dissertação, dirigida por Crisorio, e agora como orientador de sua tese.

De lá para cá estive diversas vezes em La Plata para ministrar seminários, alguns deles com Ricardo, com quem sempre trabalhei de forma harmônica, mesmo com as diferenças de posição, e com o qual tanto aprendi sobre muitos assuntos, sobre uma maneira de pensar, em especial, a educação do corpo. Os seminários foram sempre animados, com boas discussões e interpretações as mais variadas, muitas delas bastante sólidas e criativas. Em duas oportunidades, dividi com Ricardo e com Raumar Rodríguez Giménez, professor e pesquisador uruguaio, da Universidad de La República (UdeLAR), um outro capítulo desta história, o papel de professor.

Novamente em 2006, mais ao final do ano, voltei para novas atividades, novamente uma mesa, desta vez com Osvaldo Ron, de lá mesmo, e Adriana Marrero, professora da UdeLAR. Lá apresentei um texto (Vaz, 2006) pelo qual tenho muito apreço, breve, direto, com alguma utilidade, a respeito de tema a que me dedico com o entusiasmo possível, a pesquisa. *Anotaciones sobre la relación y objetividad en el proceso de investigación: ocho ideas sobre la elaboración de proyectos*<sup>3</sup> foi o título que dei ao breve escrito que teve certa inspiração em dois grandes professores que conheci, Selvino Assmann<sup>4</sup>, meu orientador de mestrado, e Hugo Lovisoló<sup>5</sup>, antropólogo argentino há quadro décadas radicado no Brasil. Participei ainda de uma atividade que se repetiria muitas vezes, e que antes já acontecera, uma oficina de pesquisa.

Carlos Carballo, Agustín Lescano, Liliana Rocha, Nicolás Viñes, Marcelo Gilles e, principalmente, Alejo Levoratti têm sido parceiros importantes em La Plata. Este último esteve em Florianópolis ainda como estudante de graduação, tendo voltado outras vezes para debates sempre desafiadores e com mirada particular.

Quando reviso minha caixa de e-mails da última década e meia, encontro muitas mensagens trocadas com Eduardo Galak, jovem pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) e professor da UNLP. Conheci-o ainda aluno de graduação, fui seu professor em vários seminários de pós, recebi-o umas tantas vezes em Florianópolis. Sua primeira participação como membro de banca de avaliação de trabalho de conclusão de curso, assim como de tese de doutorado, foi de orientandas minhas. Eduardo tornou-se um importante parceiro de trabalho. Ajudou-nos muito com suas leituras de trabalhos e projetos do Núcleo, promoveu discussão de nossos

---

<sup>3</sup> <http://www.efdeportes.com/efd108/relacion-entre-subjetividad-y-objetividad-en-el-proceso-de-investigacion.htm> Acesso em 11.07.2018.

<sup>4</sup> Escrevi sobre o Mestre: <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/um-mestre-a-quem-se-obriga-que-se-va-selvino-assmann-aposenta-se-da-ufsc-exclusivo/> (Vaz, 2015); <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/selvino-jose-assmann-1945-2017/> (Vaz, 2017).

<sup>5</sup> Escrevi sobre Lovisoló e seu trabalho (que hoje poderia ser atualizado) há quase de anos (Vaz, 2009), em livro em homenagem a ele. O texto pode ser também encontrado em <http://www.efdeportes.com/efd140/hugo-lovisolo-admiracao-intelectual.htm>. Vale ainda destacar o importante trabalho dele sobre o desenvolvimento das comunidades científicas no Brasil e na Argentina (Lovisoló, 2000a, 2000b).

materiais em La Plata, esteve em vários de nossos seminários internacionais, atividade que realizamos uma vez por ano, com poucas conferências e extensa discussão. Do primeiro de nossos seminários, aliás, tomaram parte Carmen Soares e Jacques Gleyse, da Université de Montpellier, com quem Eduardo esteve, recentemente, em estágio de pesquisa. Sua investigação é hoje um dos mais originais e interessantes entre aqueles que tomam o corpo e suas práticas como tema analisado a partir de uma sociologia histórica<sup>6</sup>. Fazendo encontrar política, corpo e imagem, tem se dedicado principalmente à histórica contemporânea argentina, mas em chave que não a exclui do processo de modernização e expansão capitalista global vivido no século vinte.

Com colegas de La Plata desenvolvi sólidas parcerias, tenho muito apreço por eles.

#### IV – BOAS PRÁTICAS

No final de 2008, submeti um projeto ao edital Pro-sul do CNPq, cuja exigência, na faixa em que concorremos, era a presença de grupos de pesquisa de pelo menos três países. Nossos parceiros habituais eram os argentinos e seguiram sendo, mas vieram somar conosco os colombianos. Não fomos contemplados, apesar do mérito reconhecido, mas obtivemos o financiamento dois anos depois. Movia-nos uma ideia, algumas vezes mencionada em conversas, que incluíam Valter Bracht, mas até então nunca de fato realizada, que era a investigação de práticas educativas exitosas. Na tradição do pensamento crítico, e considerando as condições da Educação Física, em especial a escolar, éramos rigorosos no diagnóstico das práticas pedagógicas, currículos e formação de professores. As cobranças sobre nós – e sobre tantos colegas – era a de que sabíamos ser críticos, mas não propositivos. Uma ponderação apenas até certo ponto correta, diria, uma vez que renunciávamos a qualquer receita, assim como também seguíamos considerando a crítica, em sentido enfático, uma postura correta. Reconhecer as boas práticas desenvolvidas era, portanto, além de um desafio, uma forma de selecionar elementos que pudessem ajudar, desde um ponto de vista da prática, a construir uma Educação Física que entendíamos que não era a que existia (e existe).

O projeto se chamou *Documentação, sistematização e interpretação de boas práticas pedagógicas nos processos de educação do corpo na escola*, e teve duração de dois anos. Além dos colegas da UNLP e de Antioquia, tomaram parte equipes da UFRJ, liderada por Antonio Jorge Gonçalves Soares, e da UFPR, sob a direção de Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, hoje professor da UFMG. Encontros de trabalho aconteceram em todos os países, neles foram debatidos os resultados que íamos alcançando. Além do relatório final, publicamos artigos, comunicamos em eventos, neles compusemos mesas.

---

<sup>6</sup> Resenhei (Vaz, 2018) o livro de Galak (2016) que se originou de seu estágio pós-doutoral na UFMG, sob supervisão de Marcus Aurélio Taborda de Oliveira.

O projeto foi uma experiência marcante, com desafios que foram sendo enfrentados desde o início do processo, combinando-se com outros que surgiam, às vezes de forma surpreendente, ao longo dele. O primeiro foi operar com uma noção como boas práticas sem que ela se tornasse normativa. A resposta que encontramos foi valorizar os discursos nativos, ou seja, considerar o que se identificava, em cada lugar de intervenção dos cinco grupos, o que se dizia que era uma prática exitosa, de boa qualidade etc. Se este era um ponto de partida que procurava respeitar as vozes dos sujeitos/objetos da pesquisa, não seria necessariamente o de chegada. A perspectiva era, então, colocar esta autoimagem em questão, não para um julgamento classificatório, mas para analisar cada prática em seus desenvolvimentos, ritmos, conteúdos, contradições, relações internas e externas, perenidade, permeabilidade, entre tantas outras características. Se ao final as práticas não fossem tão boas quanto se diziam ser, isso não seria um problema.

O desafio, no entanto, não acabava aí. Cada grupo, ao delimitar um conjunto de práticas a ser investigado, dispunha de entre si diferentes conjuntos de fonte. Como tínhamos relações com diferentes experiências educacionais, a possibilidade de comparação entre os resultados era muito pequena. Para ficarmos em apenas um dos contrastes, em Florianópolis pesquisávamos em unidades de educação infantil do município enquanto a equipe colombiana fazia sua investigação em um município próximo a Medellín, Caldas, sobre os *Juegos de la Calle*, programa educacional ligado à escola, mas com valorização de práticas vistas como tradicionais e um tanto esquecidas.

A perspectiva, portanto, não era comparar – até porque não seria mesmo possível –, mas delimitar e analisar cada prática, observar diferentes soluções educacionais e seguir. O projeto teve êxito, cada equipe desenvolveu sua parte, encontramos-nos em seminários na Argentina, na Colômbia e no Brasil para a discussão dos resultados. Como trabalhávamos com distintos aportes teórico-metodológicos, o diálogo nem sempre era fácil, até mesmo no acerto vocabular – ao que se somava eventuais problemas com os dois idiomas em curso, mais as distintas entonações que cada um pronunciava. *Grosso modo*, os argentinos se orientavam muito pelas reflexões de Foucault e Agamben naquele momento, os colombianos com aparato das Ciências da Educação, os cariocas com certa sociologia da ação. Curitibanos e nós, de Florianópolis, éramos relativamente próximos na abordagem que priorizava a experiência social e histórica como categoria central de análise.

Três foram as metas – para nós inovadoras – que, se não eram essenciais para o sucesso do projeto, eram importantes e não foram, pelo menos não inteiramente, alcançadas. Entre nós da UFSC a expectativa era de que as professoras de Educação Física das unidades de educação infantil em que realizamos a pesquisa pudessem participar do trabalho também na condição de pesquisadoras. Não nos foi possível gerar as condições necessárias para que isso acontecesse. Um segundo ponto foi o intercâmbio de investigadores entre os grupos, de modo que uns pudessem coletar dados e analisa-los a

partir de um ponto de vista mais externo, ajudando aos locais a estranhar suas análises. A falta de logística fez com que tivéssemos poucos membros das equipes em campos que não eram os seus. Um terceiro ponto em que ficamos devendo a nós mesmos foi a escrita de artigos em comum. Dos vários trabalhos apresentados e publicados, nenhum deles contou com autores de mais de um grupo<sup>7</sup>.

## V – COLÔMBIA

Junto com o ensino de pós-graduação, a pesquisa foi a atividade que desenvolvi com mais frequência com os colegas argentinos. Isso se deu em vários planos, às vezes envolvendo pesquisadores e alunos de outros países. Faço uma pausa nas experiências argentinas para logo voltar a elas. Isso porque em julho de 2007, quando estava em La Plata para nosso primeiro grande projeto com financiamento (da Secretaria de Educación Superior del Ministerio de la Educación), quase que por acaso Nicolás Viñes, professor e mestrando naquela ocasião, me disse, enquanto caminhávamos pelo centro esportivo da UNLP, que haveria um congresso em Medellín, Colômbia, em outubro. Incentivou-me a fazer contato com William Moreno, professor da Universidade de Antioquia, que organizava um grupo de trabalho no interior da *Expomotricidad*, como se chamava o evento. Enviei-lhe um e-mail e uma porta mais se abriu.

A *Expomotricidad* é um grande evento de Educação Física e Esportes, com todo tipo de trabalho apresentados, além de conferências e outras atividades. Acontece a cada dois anos em Medellín, entre outubro e novembro. Estive lá duas vezes, sempre em grupos que foram organizados por William Moreno. Em 2007, ele foi muito receptivo à proposta que apresentei. Nós nos havíamos conhecido muito brevemente dois anos antes, em La Plata, por ocasião do Congresso Argentino.

Eu havia visitado a Colômbia uma única vez, em 1984, recém havia completado dezessete anos. Foi por acaso, fizemos uma escala de uma noite em Bogotá, vindos de Caracas, onde eu junto com um bom punhado de atletas, disputáramos o Campeonato sul-americano de Atletismo, categoria juvenil (sub-20, diríamos hoje). Tantos anos depois, fiquei muito impressionado com Medellín, uma cidade encantadora, receptiva, embora naquele momento estivesse ainda muito militarizada por causa do histórico de violência que lhe deu uma injusta fama internacional. Nos mesmos evento e grupo de trabalho conheci o então prefeito da cidade, Sergio Fajardo, antes professor universitário da área de matemática, com sólida carreira e importantes experiências internacionais.

---

<sup>7</sup> Um dos trabalhos referentes a este projeto, o grupo que dirigi, é Vaz e col. (2009). Patrícia Boaventura, Jaison Bassani, Ana Cristina Richter, Ivan Gomes, Gisele Carreirão Gonçalves, Danielle Torri, Carmen Vieira, Lisandra Invernizzi, Fábio Machado Pinto e, principalmente, Michelle Carreirão Gonçalves, sem cuja presença muito do que aconteceu não teria chegado a termo, foram pessoas importantes em vários momentos dessa relação.

Desde então estive na Colômbia, principalmente em Medellín, mas também em Bogotá e em Cali, muitas vezes. Dei aulas em pós-graduação, proferi palestras, participei de bancas de avaliação, discuti projetos, visitei lugares e instituições. Em uma das ocasiões, os amigos Sandra Pulido e William Moreno me levaram a Altos de la Cruz, a fim de fazer um encontro com professores de uma escola. Foi o lugar mais pobre que visitei na vida. Subimos uma parte da montanha (Medellín fica em um vale) em moto-taxi, tomávamos água que era distribuída ou vendida em sacos plásticos. Foi ótimo. Dali descemos a montanha e fomos ao estádio assistir a um jogo de eliminatórias da Copa. Das tribunas populares vimos a seleção da Colômbia empatar com a do Peru.

Em Medellín trabalhei de forma intensa junto à *Revista Educación Física y Deporte*, primeiro com Sandra Pulido, logo com Leon Jaime Urrego. É mais antiga da Educação Física na América do Sul entre as ainda em atividade, junto com a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Sou de seu conselho editorial, organizei dois de seus números (um deles com Marcus Tabora de Oliveira). Tivemos durante um bom tempo uma parceria entre o periódico de Antioquia e a RBCE, com eles, inclusive, criando uma revista semelhante aos nossos Cadernos de Formação RBCE. Ainda lá, estive em várias outras instituições, em atividades para graduação e pós-graduação, sempre com debates ricos e com excelente recepção.

Mantenho uma relação colaborativa importante com Grupo Prácticas Corporales, Sociedad, Educación-Currículo (PES), liderado por William Moreno. Além dele, trabalhei também com Luz Elena Gallo, a convite da qual ministrei seminário de pós-graduação e coorientei um doutorando, Iván Darío Uribe, que, depois de uma estadia de três meses na UFSC, em 2016, defendeu sua tese no ano seguinte. Juntos, produzimos um trabalho publicado no Brasil (Uribe; Vaz; Gallo, 2017).

Destaco ainda que na Colômbia em diversas ocasiões estive com colegas argentinos e, em especial, com Marcus Tabora de Oliveira, camarada desta e de muitas outras empreitadas. Também em Medellín conheci, por intermédio de William, colegas espanhóis, um deles vivendo no Chile, Alberto Moreno, outros oriundos de Palencia, onde atuam na Universidad de Valladolid.

Com Alberto desenvolvi atividades importantes no Chile, o que incluiu a publicação de trabalhos, a participação no Conselho Editorial de um periódico por ele dirigido, uma visita técnica à Universidad de Valparaiso, em 2014. Lá com ele e seu grupo, em especial com Rodrigo e Carolina Gamboa, passei bons momentos pessoais e acadêmicos, com boas discussões, aulas em pós-graduação, conferências, reuniões de pesquisa. Intercambiamos muitos materiais de pesquisa, ele sempre foi um parceiro generoso.

Foi também em 2007, em Medellín, que conheci Nicolás Bores, professor em Palencia, que eu encontraria novamente na Colômbia, dois anos depois, e posteriormente em sua Universidade, em 2016, para participar da banca de avaliação de tese de uma orientanda. Nicolás recebeu duas então

doutorandas do Núcleo que dirijo para estágios sanduíches, Carmen Lúcia Nunes Vieira e Lisandra Invernizzi. Em 2016 também desenvolvemos outras atividades na Espanha, reuniões de pesquisa, assessoria para o periódico que ele dirige, uma conferência. Além disso, assisti à defesa de tese de Lucio Martinez, a quem eu conhecera em Florianópolis em 2009, no dia da defesa de tese de Felipe Almeida. Ele estivera com Pablo Scharagrodsky em La Plata e este lhe sugerira, já que viajaria a Florianópolis, que me procurasse. Foi um feliz encontro que se estendeu ainda para a visita de Lucio a um seminário que eu ministrava na pós-graduação em Educação Física, onde atuei durante alguns anos.

Mais de uma vez vieram a Florianópolis colegas e estudantes colombianos. Entre todos, destaca-se Karen Lorena Gil Eusse, que em 2011 cumpriu um semestre letivo de graduação na UFSC. Eu a conhecera em Medellín, por ocasião de um seminário de pós-graduação que ministrei, para logo ouvir dela, dois dias depois, no corredor, de seu interesse de vir ao Brasil em intercâmbio acadêmico. Conosco desenvolveu uma bela pesquisa em que biografou o trabalho de uma professora de Educação Física que atuava de forma marcante na Educação Infantil. O trabalho se tornou sua monografia de conclusão de curso orientado por William Moreno e dele, em colaboração a três, escrevemos artigo publicado em uma revista chilena (Gil; Moreno; Vaz; 2013). Karen voltou ao Brasil depois de dois anos na Colômbia, para cursar o mestrado na UFES, com orientação de Valter Bracht, e agora escreve sua tese de doutorado sob a direção de Felipe Almeida.

## **VI – Algo sobre os *sistemas***

No Brasil, desde muito me envolvo com a pesquisa, menos por vocação ou capacidade, mais por falta de quadros em um estado em que, quando entrei na pós-graduação da UFSC para cursar o mestrado, era este o único em Santa Catarina. Não tínhamos doutorado. O boom da pós-graduação deu-se um pouco depois, em especial na UFSC, e principalmente nas Humanidades, na segunda metade dos anos 1990. Comecei a orientar trabalhos de especialização ainda jovem, logo fui para a Alemanha estudar, voltei e criei, com meus colegas de trabalho, um Núcleo de pesquisa. Fui concorrendo a editais e sendo, paulatinamente, e depois de vários não, contemplado. Aprendi, na prática, e com muitos erros, como se pode construir – e se mantém, o que é ainda mais difícil – um agrupamento de pesquisadores, em níveis diferentes, trabalhando juntos. Depois disso, trabalhei muito em editorias de revista, tornei-me bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (em Fundamentos da Educação) e orientei muitos alunos de iniciação científica, inclusive do ensino médio. Além disso, claro, mestrado, doutorado e supervisão de estágios de pós-doutorado. Por causa disso, dirigi comissões de pesquisa, avaliei sistemas de iniciação científica de várias universidades, fui coordenador geral de pesquisa do Centro de Ciências da Educação da UFSC.

Por força desse destino, acabei me relacionando com os sistemas de ciência e tecnologia de outros países sul-americanos. Fui aos poucos conhecendo como as coisas funcionavam e participando de publicações, orientando a formação de grupos de pesquisa, ajudando a implementar cursos de pós-graduação. Fiz também fazendo consultorias para eventos, universidades e agências de fomento.

A Colômbia talvez seja o país sul-americano em que mais se acelera o sistema de administração da ciência e tecnologia nos estritos modelos que comandam a produção e divulgação científicas no plano internacional. Depois do Brasil, é claro, onde o modelo já está assentado faz tempo. Rankings de periódicos, controle dos programas de pós-graduação, exigências de titulação etc. são temas do dia-a-dia, assim como a formação para a pesquisa desde a graduação, com os *semilleros* (sementeiros), programa dedicado a isso.

No convívio com pesquisadores argentinos e nas experiências que tive no país, tenho visto também lá as mudanças do sistema em direção das diretrizes internacionais. Isso acontece, no entanto, em ritmo próprio, ainda que o rumo pareça inexorável. O fato de a pesquisa não estar vinculada necessariamente aos programas de pós-graduação, como dizia acima, mostra uma universidade em que a titulação acadêmica ainda não é tão importante quanto a carreira que nela se desenvolve, ao longo do tempo, até se chegar, se possível, à Cátedra. Há situações que para um brasileiro são surpreendentes, como jovens doutores com bem qualificada produção ocupando cargos muito baixos na hierarquia universitária, e não sem dificuldades para ascender em seu interior, mesmo com professores com pouca titulação à frente. Não considero que isso seja propriamente ilegítimo, antes, que se trata de uma tradição universitária mantida com ainda com certo êxito. É preciso considerar que a universidade pública argentina é para muitos, na medida em que não há, para várias carreiras, exame de ingresso, o que demanda um número grande de docentes para cada cátedra. Algo dessa situação deixa os alunos de graduação, em geral, ainda distantes da pesquisa. De qualquer forma, o sistema parece que vai se unificando, com condições ainda melhores para o desenvolvimento da pesquisa na universidade, não apenas no CONICET e em outras instituições de pesquisa.

As avaliações de trabalhos publicados em periódicos também vêm mudando. Cada vez mais ela sai da exigência de que as revistas tenham conselho editorial e revisão por pares, para um novo patamar, o índice de impacto. Como em qualquer parte do mundo, o predomínio científico na Argentina é o das ciências naturais e da tecnologia, cujos critérios são, em boa medida, universalizados, com prejuízo claro para as Humanidades.

Alguma semelhança com o caso argentino tem o seu vizinho do outro lado do Rio da Prata, o Uruguai. Lá há uma excelente instituição de ensino superior federal, a *Universidad de la República* (UdeLAR), com sede em Montevideu. Associado a ela existe um órgão de fomento à pesquisa, a *Comisión Sectorial de Investigación Científica* (CESIC) que oferece vários tipos de apoio aos pesquisadores,

tanto aos consolidados, como aos em formação. Como assessor dessa agência, estive duas vezes em Montevideu para o trabalho com a Educação Física, área considerada como emergente.

A Educação Física tem como sede o *Instituto Superior de Educación Física* (ISEF), uma escola com longa tradição na formação de professores, mas que apenas desde 2005 está integrada UdeLAR. Aquele momento marca, de certa forma, uma guinada importante nos rumos da Educação Física uruguaia, uma vez que passa a rivalizar com a tradição normalista o interesse mais enfático pela pesquisa. É impressionante como em poucos anos o esforço do ISEF, com certo apoio do CESIC, fez com que a titulação dos docentes se acelerasse muito. Há doutores que conheci como estudantes de graduação há poucos anos e o ISEF apresenta hoje plenas condições de oferecer a pós-graduação em nível de mestrado, principalmente pela qualidade de seu corpo docente, mas também pela capacidade de estabelecer relações internacionais.

Um dos órgãos que potencializou as relações com argentinos e uruguaios foi a *Asociación de Universidades Grupo Montevideo* (AUGM) que congrega diversas instituições superiores da América do Sul, promovendo o intercâmbio de professores e alunos. Valemo-nos muitas vezes dos recursos que as universidades destinam à AUGM, sempre disputados, ano a ano, por meio de edital. Esses recursos permitiram intercâmbios importantes entre os grupos, gerando disciplinas de pós-graduação, desenvolvimento das redes de pesquisa que fomos instaurando, consultorias diversas, além da intensificação de nossa intermitente troca de experiências.

## VI – Uruguay

A última vez em que eu havia estado em Montevideu fora em 1989, quando eu trabalhava com esporte de alto rendimento e viajara para uma competição realizada na pista de atletismo em frente ao ISEF, no Parque Batlle. Antes, na meninice, meus pais levaram a mim e a meu irmão algumas vezes ao Uruguai, fosse para visitar uma tia que moraria na capital por dois ou três anos, ou para tomar o *ferry boat* em Colonia do Sacramento, rumo a Buenos Aires. Em novembro de 2008, no entanto, visitei o país duas vezes em menos de um mês.

A primeira delas foi para comparecer ao *XII Encuentro Nacional y VII Internacional de Investigadores en Educación Física*. “*Educación física y sistema educativo*”, para o qual recebi o gentil convite para a conferência de encerramento. Três semanas depois, fui *X Encuentro Nacional de Estudiantes de Educación Física* (ENEFF), em Durazno, convidado para compartilhar uma mesa com outros conferencistas. Lá conheci estudantes que hoje são professores, mestres ou doutores com carreiras muito promissoras, quando fui também entrevistado por eles. Foi o início de uma relação que segue ainda hoje.

Eu conhecera Raumar Rodríguez Giménez, no entanto, três anos antes, no Congresso Argentino de Educación Física y Ciencia. Em breve conversa, o professor do ISEF disse-me que tinha interesse em cursar o mestrado em Florianópolis. Eu lera dois de seus artigos publicados na RBCE (Rodríguez-Giménez, 2003a, 2003b) e Carmen Soares já me falara do jovem pesquisador uruguaio que vinha constituindo uma carreira das mais interessantes, naquele momento dedicando-se à História do corpo e das práticas corporais.

Daquele primeiro encontro para cá, desenvolvemos uma relação acadêmica muito fértil, que inclui várias viagens a Montevideu de minha parte, muitas visitas dele a Florianópolis, em ambos os casos para eventos, seminários, conferências, discussão de projetos de pesquisa, entre tantas outras atividades. Em 2013 ele veio para a UFSC a fim de cursar o doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, com uma bolsa CAPES-UdelaR. Um semestre antes, uma de suas principais alunas de graduação, já então começando sua carreira de docente universitária, Cecilia Seré Quintero, ingressara no mestrado em Educação da mesma UFSC, logo concluindo a dissertação e ingressando, ano e meio depois, no início de 2014, no mesmo programa que acolhera seu professor de origem. Mais três anos e tanto, tínhamos uma nova doutora. Raumar foi mais um parceiro que um orientando, Cecilia foi uma das orientandas mais brilhantes que tive, em meio a dezenas de excelentes alunos, de vários níveis, que pude orientar em mais de vinte e cinco anos dirigindo pesquisas.

No Uruguai participei de bancas de avaliação de dissertações e concurso público, orientei o trabalho de um jovem professor, Gonzalo Perez, que cursou em La Plata seu mestrado, escrevi em parceria com ele, com Raumar e Cecilia, ajudei a pensar sobre o programa de pós-graduação, escrevi prefácio de livro, oriento neste momento mais três pessoas de lá: uma que cursa o mestrado lá, Karen Kuhlsen, Virginia Alonso, doutoranda em Educação em La Plata (a orientação divido com Eduardo Galak), e Rodrigo Piriz, que defendeu dissertação e prepara sua tese no PPGE da UFSC. Em Montevideu, mas na Asociación Cristiana de Jovenes (ACJ), ministrei seminário de mestrado em 2017<sup>8</sup>.

Novamente com o Eduardo Galak, fiz pesquisa no Arquivo Nacional de Montevideu, em 2011, quando buscávamos documentos sobre Béla Guttmann, treinador húngaro que atuou em muitos países, inclusive no Brasil, onde foi campeão paulista pelo São Paulo (1957), e do Peñarol, de Montevideu, em que trabalhou em três oportunidades. Eu auxiliara Detlev Claussen, meu orientador de doutorado, numa pesquisa que gerou seu livro sobre Guttmann (Claussen, 2006), trabalho que, junto com Daniel Martinsechen, anos depois traduziria ao português (Claussen, 2014). Coletara material sobre a atuação daquele primeiro caso de globalização do futebol no Brasil, e dele fizera uma primeira interpretação.

---

<sup>8</sup> Devo ainda mencionar outras pessoas importantes na relação com o Uruguai: Paola Dogliotti, Cecilia Ruegger, Martín Caldeiro, Jorge Rettich. A eles se junta agora a excelente Viviane Silveira.

Com os ricos documentos encontrados em Montevideú, seguimos com o trabalho que ainda hoje, com paciência e obstinação, desenvolvemos.

## VII – Seguir

As relações que mantenho com pesquisadores e instituições da Argentina, do Uruguai e da Colômbia, principalmente com os dois primeiros países, estão em vários planos. Pesquisadores de lá compõem o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea, que dirijo na UFSC, temos um fluxo constante de intercâmbio no ensino, na pesquisa e, mais recentemente, também na extensão, sob a direção de meu colega Fábio Machado Pinto. Fábio também dirige, junto com professores dos dois países, encontros entre estudantes de graduação. Projetos em colaboração, orientações compartilhadas, trabalhos escritos em conjunto, participação em bancas, organização de obras coletivas, enfim, são muitas ações que desenvolvemos, com frequência em redes formalmente estabelecidas. Temos um projeto de periódico que deverá ganhar consequência em breve.

As relações que para mim começaram com a Educação Física se estenderam para outros interesses aos quais, hoje, recebem mais dedicação de minha parte. Se minha relação com a área tem mediação com as Humanidades, estas, por sua vez, foram ganhando ao longo dos anos, e em diferentes quadrantes, cada vez mais, em si mesmas, protagonismo em minha dedicação. Hoje por hoje, com exceção das relações com os *hermanos*, meu vínculo com a Educação Física se mantém com os Cadernos de Formação RBCE (que edito com Michelle Carreirão Gonçalves) e com alguns poucos orientandos e amigos com os quais faço questão de seguir trabalhando. As questões do corpo na sociedade contemporânea, sua educação institucional ou não, além dos esportes, seguem, de qualquer forma, sendo temas de meu interesse. As relações com colegas de outros países naturalmente se estenderam, então, a colegas de outras áreas de conhecimento.

Por meio de Ricardo Crisorio conheci Edgardo Castro, pesquisador do CONICET e professor titular da Universidad Nacional de San Martín quando juntos compusemos uma mesa no Congresso Argentino, em 2005. A discordância que se fez marcante naquela ocasião não impediu – ao contrário, foi um disparador – o desenvolvimento de importante colaboração que, entre outras ações, gerou uma estadia dele por um ano em Florianópolis, como pesquisador-visitante estrangeiro CNPq. A cooperação segue, desde que ele escreveu seu último livro sobre Foucault (CASTRO, 2014, 2015), em sua maior

parte, na estadia na UFSC. Para o Núcleo, e para mim em particular, tem sido um prazer ter Edgardo Castro como um consultor sempre generoso<sup>9</sup>.

Eduardo Galak me apresentou, há cerca de dez anos, Emiliano Gambarotta, quando ambos compartilhavam a mesma sala de trabalho no Centro Interdisciplinario de Metodología en Ciencias Sociales (CIMECS) da ULNP. De lá para cá acompanhei sua trajetória da qual tem feito parte as constantes visitas a Florianópolis, inclusive para uma estadia de pós-doutorado em princípios de 2015. Hoje pesquisador do CONICET, dedicado, entre outros temas, à relação entre cultura e política, com ênfase nas questões da democracia, e ao desenvolvimento de uma teoria crítica da sociedade que possa ser não normativa, temos desenvolvido, para meu proveito, muitas atividades em colaboração. Sob a direção dele colaboro com a orientação da tese de doutorado de Inés Scarlato, professora do ISEF/UdeLAR, que faz seu doutorado em Educação em La Plata. Uma parte de seu último livro (Gambarotta, 2016) foi escrita em uma estadia em Florianópolis, seu primeiro, que tem origem na tese de doutorado (Gambarotta, 2014), vem sendo traduzido ao português. O jovem sociólogo tem todas as condições de alcançar um patamar notável, singular, de exceção, como crítico e pesquisador.

No Uruguai conheci, por intermédio de Raumar Rodríguez, Luis Behares e Antonio Romano. Das interfaces entre Psicanálise, Política e Educação tenho aprendido muito com o primeiro, com qual atuei no Núcleo de Políticas Educativas da AUGM e com quem tive já a possibilidade de compartilhar diversas atividades, tanto lá como aqui. Por convite e amigável insistência de Romano, que me acolheu para um seminário sobre Walter Benjamin e Hannah Arendt em 2014, integro um Grupo de Trabalho no Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO).

Sigo com as atividades nos países vizinhos, com pesquisadores de lá aqui no Brasil. Sempre que possível, isso se estende para a Europa: além de Eduardo na França, Rodrigo Piriz esteve há pouco em Madrid, em atividades no Centro de Ciencias Humanas y Sociales do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), com José Antonio Zamora, e na Universidad de León, com Miguel Vicente Pedraz. Em 2016, aliás, Miguel recebeu a mim, Norma Rodriguez e Marcus Taborda de Oliveira, para uma reunião de apresentação de pesquisas em andamento. Cecília Seré também esteve, durante seu doutorado, entre 2016 e 2017, para um estágio no Laboratoire d'études et recherches sur les logiques contemporaines de la philosophie, da Universidade Paris 8, sob a direção de Patrice Vermeren, cuja indicação fora feita por Edgardo Castro.

Vários ex-orientandos seguem trabalhando em parceria com colegas do Uruguai, da Argentina, da Colômbia, em diferentes interfaces. Fico contente que esses jovens pesquisadores, muito

---

<sup>9</sup> A ele se soma Mercedes Ruvitoso, excelente pesquisadora e tradutora, que esteve em mais de uma de nossas atividades acadêmicas e de quem recentemente, a pedido de Vanessa D'Afonseca, traduzi um texto sobre a relação de Giorgio Agamben com a Psicanálise.

competentes e cheios de garra, se interessem pela colaboração com nossos vizinhos. Espero que para eles a experiência esteja sendo tão valerosa quanto foi e é para mim.

## REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. (1992). **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister.
- BRACHT, V. (1996). **Educación física y aprendizaje social: educación física/ciencia del deporte: ¿qué ciencia es esa?** (Traducción de Fernando González). Córdoba: Vélez Sársfield.
- BRACHT, V.; CRISORIO, R. (2003). **A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios, perspectivas**. Campinas: Autores Associados.
- CASTRO, E. (2014). **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica.
- CASTRO, E. (2015). **Introducción a Foucault**. 2. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- CARBALLO, C.; VAZ, A. F. (2003) Identidad de la Educación Física y metodología de la investigación: interfaces, paradojas y malentendidos. In: CRISORIO, C; BRACHT, V. **La Educación Física en Argentina y en Brasil**. Identidad, desafíos y perspectivas. 1ed.Mar del Plata: Al Margen, p. 91-99.
- CRISORIO, R. BRACHT, V. **La Educación Física en Argentina y en Brasil**. Identidad, desafíos y perspectivas. 1ed.Mar del Plata: Al Margen.
- CLAUSSEN, D. (2006). **Béla Guttmann. Weltgeschichte des Fussballs in einer Person**. Berlím: Berenberg, 144 p.
- CLAUSSEN, D. (2014). **Béla Guttmann: uma lenda do futebol no século XX**. Tradução de Daniel Martinsechen e Alexandre Fernandez Vaz. São Paulo: Estação Liberdade.
- GALAK, E. (2016). **Educar los cuerpos al servicio de la política: cultura física, higienismo, raza y eugenesia en Argentina y Brasil**. Buenos Aires: Biblos.
- GAMBAROTTA, E. (2014). **Hacia una teoría crítica reflexiva: Max Horkheimer, Theodor W. Adorno y Pierre Bourdieu**. Buenos Aires: Prometeo.
- GAMBAROTTA, E. (2016). **Bourdieu y lo político**. Buenos Aires: Prometeo.
- GIL EUSSE, K. L.; MORENO-GÓMEZ, W.; VAZ, A. F. (2015). Historia de una práctica profesoral artista en Educación Física: expresiones del potencial corporal. **Estudios Pedagógicos (Valdivia. Impresa)**. v.41, p.1 – 18.
- LOVISOLO, H. (2000a.). **Vizinhos distantes: Universidade e ciência na Argentina e no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- LOVISOLO, H. (2000b). **Vecinos distantes, universidad y ciencia en Argentina y Brasil**. Buenos Aires: Libros del Zorzal.
- RODRÍGUEZ GIMÉNEZ, R. (2003). Educación Física y dictadura: el cuerpo militarizado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, p. 101-113.
- RODRÍGUEZ GIMÉNEZ, R. (2003b). Cuerpo, sociedad y escuela: pensar claves para una reflexión relacional. **Iberoamericana (Madrid)**, v. 10, p. 113.
- SOARES, A. J. G. (1998). **Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- URIBE, I. D.; GALLO, L. E.; VAZ, Alexandre Fernandez. (2017). Trazos de una Educación Hedonista. **Movimento (Porto Alegre. Online)**. , v.23, p.339 – 350.
- VAZ, A. F. (2002). DaMatta: futebol-arte, drama e o dilema brasileiro. In: LUCENA, R. de F.; PRONI, M. (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, p. 139-164.
- VAZ, A. F. (2003a). Metodologia da pesquisa em Educação Física: algumas questões esparsas. In: BRACHT, V.; CRISORIO, R. (Org.). **A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, p. 115-127.

- VAZ, A. F. (2003b). Metodología de la investigación en Educación Física: notas de trabajo. In: In: BRACHT, V.; CRISORIO, R. (Org.). **La Educación Física en Argentina y en Brasil**. Identidad desafíos y perspectivas. Mar del Plata: Al Margen, p. 113-123.
- VAZ, A. F. (2004). **Sport und Sportkritik im Kultur- und Zivilisationsprozess**: Analysen nach Horkheimer und Adorno, Elias und DaMatta. Frankfurt am Main: Afra Verlag. 160p .
- VAZ, A. F. (2007). Anotaciones sobre la relación entre subjetividad y objetividad el proceso de investigación: ocho ideas sobre la elaboración de proyectos. **Revista Digital Efdeportes**. Buenos Aires, año 12, n. 108.
- VAZ, A. F. (2009). Hugo Lovisolo: admiraçãõ intelectual, amizade, percursos. In: VOTRE, S. J.; MOREL, M.; SILVA, Adriano R.; SOARES, A. J. G. (Orgs.). **Mediação entre as Ciências Sociais e a Educação Física: a contribuição do pensamento de Hugo Lovisolo – uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: Mauad.
- Vaz, A. F. (2017). Um Mestre a quem se obriga que se vá: Selvino Assmann aposenta-se da UFSC. **Pensar a Educação em Pauta**. 22 de agosto. Disponível em:<<http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/um-mestre-a-quem-se-obriga-que-se-va-selvino-assmann-aposenta-se-da-ufsc-exclusivo/>>.
- VAZ, A. F. (2017). Selvino Assmann (1945-2017). **Pensar a Educação em Pauta**. 06 de outubro. Disponível em: < <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/selvino-jose-assmann-1945-2017/>
- VAZ, A. F. (2018). Entre projetos de corpo e de nação: sobre “Educar los cuerpos al servicio de la política: cultura física, higienismo, raza y eugenesia en Argentina y Brasil”, de Eduardo Galak. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol. 14, n. 1, jan/março, p. 106-107.
- VAZ, A. F.; RICHTER, A. C.; VIEIRA, C. L. N.; GONÇALVES, G. C.; GONÇALVES, M. C. (2009). Inter-Ação: **Rev. Fac. Educ.** UFG, 34 (1): jan./jun. p. 199-214.